

A MISSÃO DA IGREJA NA SOCIEDADE PÓS-CRISTÃ

Aline Silva Szamszoryk Fierro Davi

Bacharel em Teologia pela Faculdade Teológica Batista de São Paulo, produtora cultural, diretora da Missão Steiger Brasil, atua como missionária há 11 anos na *Steiger International* alcançando e discipulando jovens que nunca entrariam numa Igreja. Palestrante na área de missiologia, nos seguintes temas: Cultura Jovem Global e Pós-Cristianismo.

A MISSÃO DA IGREJA NA SOCIEDADE PÓS-CRISTÃ

Resumo

Este artigo propõe uma investigação sobre as características que definem uma Igreja Missional no século 21. Por meio de pesquisa bibliográfica examina qual o tipo de relacionamento que essa Igreja deve estabelecer com a cultura a fim de ser reconhecida por ela como organismo essencial e de amor. Para isso, busca aprimorar e aprofundar a compreensão dos termos: Cultura, Contextualização e Igreja Missional. Investiga a história do secularismo, movimento este que exerce grande influência na presente geração e fomentou a constituição de uma sociedade pós cristã, que remove Deus do centro e coloca o homem em seu lugar. É neste cenário que a Igreja dos nossos dias luta para existir, para resistir, por isso, o presente artigo apresenta possibilidades de atuação junto a essa cultura, incentiva a construção de pontes, de maneira tal que a Igreja seja notada e respeitada pela sua relevância, pela forma como serve a todos para o bem comum, refletindo o caráter de Cristo na esfera pública.

Palavras-Chave: Missão. Cultura. Igreja Missional. Contextualização. Secularismo. Pós-Modernidade.

Abstract

This paper proposes an investigation into the defining characteristics of a Missional Church in the 21st century. Through bibliographical research it examines what kind of relationship this Church must establish with culture in order to be recognized by it as an essential and loving organism. To do so, it seeks to refine and deepen the understanding of the terms: Culture, Contextualization, and Missional Church. It investigates the history of secularism, a movement that exerts great influence on the present generation and has fomented the constitution of a post-Christian society, which removes God from the center and puts man in his place. It is in this scenario that the Church of our days struggles to exist, to resist, therefore, this article presents possibilities of acting together with this culture, encourages the building of bridges, in such a way that the Church is noticed and respected for its relevance, for the way it serves everyone for the common good, reflecting the character of Christ in the public sphere.

Keywords: Mission. Culture. Missional Church. Contextualization. Secularism. Post-modernity.

Introdução

A sociedade do século 21 subsiste sob uma forte influência do secularismo, considerado atualmente como um sistema ético que não aceita a influência da fé ou da devoção religiosa na esfera pública, ou seja, na sociedade secular religião e Estado caminham separados e possuem papéis distintos. Nesta atual formação sociocultural o sentido da vida, o sentimento de pertencimento, a esperança e a felicidade são entendidos e buscados no consumismo exagerado, na prosperidade econômica, no conforto material e na realização emocional momentânea.

Sendo assim, esse sistema propõe para a fé cristã um grande desafio quanto a sua atuação e papel social na esfera pública, em decorrência disso, muitas Igrejas vem se retirando do debate público e isolando-se em suas comunidades acabam por se tornar uma espécie de clube exclusivo, guiado por uma prática dualista que frequentemente substitui a ordenança de irmos por todo o mundo pregando o evangelho e fazendo discípulos, por ações meramente assistenciais.

A cosmovisão secularista é incompatível com a cosmovisão cristã e está profundamente atrelada ao coração da atual geração, orientando sua maneira de perceber o mundo, moldando seus relacionamentos, sua forma de amar, suas escolhas com relação ao futuro e influenciando de maneira direta todas as áreas da sua vida, é um estilo de vida enraizado na cultura e na formação sociocultural contemporânea; por assim ser, torna-se um processo muitas vezes sutil e que silenciosamente submete não apenas a mente e o coração do não cristão mas também a Igreja de forma geral.

Pretendemos, portanto, despertar uma reflexão sobre o tipo de ponte que temos estabelecido com os não cristãos; se temos de fato contribuído de forma expressiva nos debates e nas agendas da atual geração, e como Cristo tem sido contemplado em nossa expressão de amor.

Refletiremos sobre como podemos nos manter fiéis ao propósito de Deus para nós, de maneira tal que a sociedade e a cultura ao nosso redor sejam profundamente impactadas pelas verdades práticas do evangelho, e como o isolacionismo de evangélicos genuinamente alinhados com a cosmovisão cristã na esfera pública tem transformado a atuação da Igreja brasileira insuficiente em pautas que o secularismo se apropriou.

Paradigmas históricos que contribuíram para a construção do modelo de missão

Quando olhamos para este mundo supostamente identificado como pós-moderno, notamos uma grande mudança acontecendo na cultura ocidental, Paul G. Hiebert em seu livro “Transformando Cosmovisões”, apresenta alguns temas que nos direcionam para uma maior percepção do contexto cultural atual.

O autor inicia sua análise sobre a “cosmovisão moderna com a afirmação de que uma dessas grandes mudanças na história ocidental ocorreu no século 17” (HIEBERT, 2012, p.157), com a chegada da “ciência moderna” e da própria modernidade. Até então a sociedade ocidental era teísta, ou seja, havia unidade quanto ao pensamento de que toda a criação, os acontecimentos da vida pessoal e históricos estavam sob controle de um Deus pessoal, já neste novo paradigma a compreensão do mundo material não seria mais baseada na existência de um Deus criador, mas passaria a acontecer por meio do uso da lógica e da fé na razão humana. Este momento inaugura o pensamento que separa “céu e terra”, desta forma, Deus se torna cada vez mais abstrato e a ordem natural, o “universo material” passa a ser concreto, verdadeiro; a consequência deste movimento foi a cisão definitiva entre o homem e Deus, confiscando a sua crença no envolvimento divino direto e em seu controle do mundo temporal; “O domínio sobrenatural foi relegado a crenças, emoções e ética imaginárias” (HIEBERT, 2012, p.161).

Neste novo mundo a centralidade de Deus nas ações, nas escolhas humana é excluída e o homem passa a ser seu próprio centro, os seres humanos passaram a viver de forma autônoma e “livres se tornaram o centro do universo e a medida de todas as coisas [...] o resultado foi uma mudança de um universo ordenado por Deus para um mundo planejado pelos seres humanos” (HIEBERT, 2012, p.165).

Depois do Iluminismo a religião passa então, a ser retratada “pela ciência como aquilo que a ciência não era”, portanto, incompatíveis entre si. Nasce aqui essa ideia de superioridade da ciência em relação à religião, sendo a primeira “objetiva, racional, empírica e verdadeira para todos” (HIEBERT, 2012, p.167), enquanto as religiões se caracterizam como organismos subjetivos, emocionais e relacionados à fé pessoal.

Outro produto da modernidade legado para a atual geração diz respeito à divisão entre o “secular” e o “religioso”(HIEBERT, 2012, p.169), resultando numa separação profunda entre as esferas pública e privada, a moralidade e as tradições religiosas são banidos da vida pública, cabendo a cada indivíduo escolher qual princípio de conduta regerá sua vida, definirá seus valores e coordenará suas ações. A concepção de moralidade se tornou contestável porque presume a ação de um agente divino, por isso a modernidade substitui o conceito “moralidade por valores”, que baseia-se na “escolha humana, e não na ordem divina” (HIEBERT, 2012, p.220).

A chegada da Pós-modernidade contesta alguns desses ideais da modernidade ao reconhecer que nenhuma razão humana é capaz de superar a realidade da vida, por isso, o ser humano deveria manter seu foco no presente e desfrutar ao máximo o que a vida lhe oferece agora. Seus ideais sustentam que toda realidade é subjetiva, relativista, ou seja, não existem verdades absolutas, pessoas e comunidades podem ter as próprias versões de verdades pessoais e comunitárias, a realidade é egocêntrica e estimula o “culto ao eu” (HIEBERT, 2012, p.252).

Outro ídolo dominante desta era pós-moderna é o consumismo, que estabelece-se como valor cultural e esta diretamente ligado à busca por prazer e satisfação imediata.

Em seu livro “Verdade Absoluta” a autora Nancey Pearcey (2006, n.p.)[1], aponta como essa “revolução secular” classificou o cristianismo como prosélito ao mesmo tempo que elevou filosofias seculares como o materialismo e o naturalismo a objetivas e neutras. A autora prossegue e reafirma que não há neutralidade, a sociedade secular nega a existência de Deus para reafirmar a sua verdade e desafia a Igreja sobre seu papel na esfera pública e privada.

Hoje a palavra religião vem sido cada vez mais substituída pelo termo espiritualidade, uma vez que, religião trata das instituições, doutrinas oficiais e rituais formais, já espiritualidade está associada a experiência pessoa.

Neste contexto, o maior desafio da Igreja hoje é apresentar um cristianismo contextualizado, holístico, comprometido com a verdade bíblica que é absoluta, dentro das esferas de atuação em que está inserida, os desafios enfrentados por essa geração não são os mesmos enfrentados pela geração anterior, a Igreja precisa resistir ao espírito desta era ao mesmo tempo que a reconhece e se relaciona com sua cultura.

Compreendendo a cultura para entender nossa missão

D.A. Carson (2012, p. 13) inicia sua obra “Cristo e Cultura” refletindo como é variante a aplicação do termo cultura, segundo ele, atualmente cultura é considerado um conceito adaptável, elástico, podendo ser compreendido como um “conjunto de valores amplamente partilhado por algum subconjunto da população humana”.

[[1] Texto digital, Parte I, capítulo 3. (e-book)

Manfred Grellert (1983, p.8), indica em sua obra “O Evangelho e a Cultura”, da Série Lausanne, que a base bíblica para compreensão do termo cultura esta em Gênesis 1:26-28, nestes versículos é possível identificarmos o mandato cultural de Deus para a humanidade; Deus criou o ser humano, homem e mulher, munindo-os de atributos como: racionalidade, sociabilidade, moralidade, criatividade e espiritualidade, ordenou-os a ocuparem a Terra e dominarem sobre ela. O autor sabiamente destaca como é necessário nos lembrarmos que “Onde quer que o ser humano desenvolva sua organização social, arte e ciência, agricultura e tecnologia, sua criatividade refletirá a do seu Criador” (GRELLERT, 1983, p.9).

Para Grellert (1983, p.9) uma boa “Definição de Cultura” no sentido mais abrangente seria: padrões seguidos por um determinado grupo para que possa existir algum tipo de vida em comum podendo ser compreendida como o comportamento, as escolhas morais, as tradições e conhecimentos de um grupo social, incluindo sua “língua, sua comida, sua religião, música, arte, forma de vestir e inúmeros outros aspectos, ou seja, cultura engloba todos os aspectos da vida humana”.

Importante lembrarmos que a autorrevelação pessoal de Deus na bíblia foi transmitida na própria cultura do ouvinte, observarmos isso em toda a Escritura, especialmente no Novo Testamento onde é possível perceber a influência cultural judaica helenística na formação sociocultural da Igreja, também observamos isso nos textos e no vocabulário filosófico grego utilizado por Paulo.

A partir desta constatação é possível considerar que Deus não despreza a cultura mas se relaciona através dela com a Sua criação, manifestando Seu amor, Sua criatividade, Sua graça e nela cumpre também os Seus propósitos.

Outros dois autores que também abordam esse tema de maneira relevante são Michael W. Goheen e Craig G. Bartholomew (2016, p.198), na obra “Introdução à Cosmovisão Cristã” eles sintetizam em um pensamento o tipo de relacionamento que devemos estabelecer com a cultura, “No mundo, mas não do mundo”. Eles destacam a importância de termos uma participação crítica na cultura.

Em sua obra “Igreja Centrada”, Timothy Keller (2014, p.108) ressalta que a cultura não é neutra e nos lembra a importância de estarmos bem contextualizados de maneira tal que, nossa comunicação com os de fora da fé seja relevante, faça sentido para quem ouve e sempre aponte para Cristo.

Para isso precisamos entender que contextualização não significa dizer o que as pessoas querem ouvir, o autor acentua o oposto do que geralmente pensamos ao afirmar que “contextualização saudável significa traduzir e adaptar a comunicação e o ministério do evangelho a determinada cultura sem comprometer a essência e as particularidades do próprio evangelho” (KELLER, 2014, p.107).

Uma contextualização equilibrada pressupõe um relacionamento de mão dupla, compartilhamos acerca das verdades bíblicas ao mesmo tempo em que somos corrigidos da nossa concepção sobre a cultura que nos cerca.

Somado a isso, precisamos de uma contextualização ativa que aponta passos práticos para entrarmos na cultura, precisamos investir tempo nos relacionando de forma verdadeira com as pessoas, ouvindo-as com diligência, desprendendo tempo para participar efetivamente de suas vidas.

Goheen e Bartholomew (2016, p.204) nos fornece exemplos bíblicos de contextualização fiel; os autores apontam para o fato do próprio apóstolo Paulo ser um missionário transcultural que ao invés de “simplesmente rejeitar ou confirmar a instituição cultural da casa romana”, identifica nela conexões com a criação e trabalha para refazê-las pelo poder do evangelho, conforme vemos em Efésios 5.

A admoestação do apóstolo ao marido, para que ele ame sua esposa de maneira sacrificial, para que ele crie seus filhos com amor e trate seus escravos de maneira digna foi totalmente subversivo para aquela época, para aquele lugar e cultura, uma vez que naquele contexto o pai era senhor absoluto do lar e liderava sua casa de maneira abusiva, autoritária, replicando na organização familiar a ótica de poder hierárquico do Império Romano.

Observamos nas escrituras que o plano missionário de Paulo foi “chamar a Igreja a viver dentro das instituições existentes da cultura, mas com uma presença crítica e transformadora” (GOHEEN e BARTHOLOMEW, 2016, p.204). Compreender a cultura, se relacionar com ela de maneira contextualizada são características de uma Igreja que dialoga com o seu tempo.

Na obra “A Igreja Missional na Bíblia”, Michael W. Goheen (2014, p.20), diz que classificar uma Igreja como missional nos dias de hoje significa que ela participa da missão de Deus, e que para que isso Ele estabeleceu papéis para o seu povo nessa história, Deus, por meio do seu chamado concede significado e direção a seus filhos, Ele os encarrega de viver para a Sua glória participando de Sua obra redentora.

Uma Igreja Missional é portanto, “uma igreja profundamente envolvida nas necessidades de sua vizinhança e do mundo”, ela não vive apenas de anunciar a palavra, mas traz para essas palavras credibilidade comprovada com ações de justiça e misericórdia.

É “uma igreja comprometida com missões”, Goheen (2014, p.260) enfatiza que a missão deve ser o padrão de vida da Igreja, ela é um “empreendimento transcultural”; uma comunidade que assume sua responsabilidade sobre missões “se torna mais propensa a ser uma igreja missional no lugar onde ela está inserida” (2014, p.261).

A configuração de uma igreja em missão na era pós cristã

A expectativa do secularismo quanto a extinção da religião no mundo não alcançou êxito, mesmo três séculos após a formação dos primeiros ideais da modernidade ainda observamos a forte influência religiosa na sociedade do século 21.

Em sua obra “Uma fé pública”, Miroslav Volf (2018, p.145) aborda essa questão e afirma que o “mundo sempre foi um lugar muito religioso, e pelo que tudo indica, assim continuará sendo no futuro que se pode prever”. Este é um panorama bastante animador para a Igreja de Cristo, pois evidencia a presença ativa de Deus na história da criação e aponta para o fato de que Ele permanece salvando e transformando pecadores em remidos, e que não há pensamento ou ciência humana capaz de sufocar Sua ação.

Timothy Keller (2014, p.297) em sua obra “Igreja Centrada”, analisa o que significa ser uma Igreja Missional, suas características, a maneira como ela se insere na cultura e serve a sociedade estabelecendo-se como organismo vivo, exercendo seu papel ao refletir o amor de Deus em suas ações.

O autor defende que essa Igreja “precisará confrontar os ídolos da sociedade se deseja mesmo ter um encontro missionário com a cultura” (KELLER, 2014, p.321); Deverá confrontar com as verdades bíblicas os ídolos do “consumismo e ganância que geram injustiça”; Não deverá de forma alguma modificar o evangelho, deixando-o palatável para que seja aceito pela cultura, mas deverá viver de modo simples e exercendo justiça no mundo.

A igreja missional certifica que todos os cristãos são missionários em todas as áreas da vida, e deve capacitar seus membros para três coisas: 1) Para serem testemunho vivo do evangelho; 2) Para amarem o próximo e praticarem a justiça ao redor, não somente para os da fé, mas especialmente para os de fora; 3) Integrar fé e trabalho, se relacionando com a cultura por meio de suas profissões.

Keller (2014, p.445) nos fornece conselhos práticos ao enfatizar que a Igreja deve livrar-se da possibilidade de “recriar uma sociedade cristã que se isola da sociedade em um reino espiritual”, deve porém, garantir que o culto seja “edificante e evangelístico, centrado no evangelho e tenha uma linguagem contemporânea”; deve reconhecer o “papel da injustiça sistêmica” na sociedade deixando claro que o “evangelho da graça ajuda a lidar” com essa questão, recomenda ainda que ela reconheça a importância e valorize o trabalho secular, orientando seus membros a serem sal e luz onde estão, vivendo suas vidas a partir de uma cosmovisão genuinamente cristã, e insiste para que ela desenvolva pontos em comum para o “trabalho em conjunto com o não cristão e ainda assim faça críticas proféticas aos ídolos culturais”.

Considerações finais

Até o século 21, costumava-se afirmar que a sociedade ocidental era prioritariamente cristã e haviam de fato, cristãos ocupando posições relevantes na política, na arte, nas mídias, na ciência, porém, na modernidade esse cenário começou a mudar consolidando-se em definitivo nos nossos dias. Neste novo cenário qualquer pessoa atuante na esfera pública que se declare cristã talvez se torne alvo de perseguição, de críticas, ser automaticamente considerado intolerante, prosélito e por vezes será desprezado.

Em razão disto, os atuais cristãos ocidentais têm sido desafiados a mudarem a forma com a quais se relacionam com a cultura, se faz urgente a adoção de uma nova abordagem, uma linguagem contemporânea que faça sentido para quem busca alcançar.

Por vezes a Igreja tem evangelizado para garantir diante de Deus e dos homens o cumprimento da sua missão, mas para que esse seja um processo genuíno o envolvimento com a cultura precisa ser relacional, é preciso romper com a falsa ideia de que estamos protegidos do mundo quando nos isolamos em nossas comunidades, não fomos chamados por Deus para vivermos uma vida individualista centrada em nós mesmos, esse comportamento está alinhado com o espírito humanista da presente era e não com o evangelho de Cristo.

Jesus não pediu ao Pai que tirasse a sua igreja do mundo, ao contrário, Ele a fez testemunha dEle na sociedade, na cultura, refletindo as benesses de uma vida onde Ele é o centro. A igreja é chamada para estabelecer pontes com os não cristãos, servi-los de maneira generosa e genuína. O trabalho dos cristãos como servos do Deus Vivo não é redimir pessoas, somos chamados a amá-las, a espalhar as boas novas do evangelho inspirados e impulsionados pelo poder do Espírito Santo no exercício do pleno equilíbrio entre fidelidade (essência) e relevância, com a plena consciência que quem promove arrependimento e salvação do perdido é a cruz de Cristo. Contextualizar e ser relevante não é sobre ter uma boa estratégia de conversão, é sobre amar de fato as pessoas, é estar disponível para abraçar o pecador provendo consolo no dia do sofrimento.

A sociedade secular brasileira está enferma, desesperada por algo que lhe traga sentido, segundo dados do governo federal em 2019 houve um aumento de 43% no número anual de mortes por suicídio no Brasil. O número de suicídios entre jovens de 15 a 29 anos já é a segunda maior causa de morte no mundo segundo a OPAS (Organização Pan-Americana de Saúde).

A conexão emocional entre as pessoas é cada vez menor, elas tem depositado suas esperanças no consumo desenfreado e na artificialidade das mídias sociais que ditam padrões de perfeição inalcançáveis, uma vida milimetricamente pensada, superficial, composta por relacionamentos sexuais utilitarista que culminam na objetificação do outro e de si mesmo.

Possuem milhares de seguidores, centenas de *likes*, mas no final do dia estão sozinhos, lidando com suas frustrações, desejando algo que lhes dê significado.

Esta é a realidade cultural em que estamos inseridos, por isso, precisamos assumir nossa responsabilidade e estabelecer um relacionamento saudável com a cultura, sendo luz em meio às trevas, ordem em meio ao caos e participantes da Missão da Deus, lembrando que o Evangelho é poder de Deus em qualquer lugar, e vemos Deus se mover quando o verdadeiro e singular Evangelho é proclamado. Jesus é o Evangelho que gera vida, ilumina e empodera a igreja.

Referências

ABU EDITORA S/C E VISÃO MUNDIAL. **O Evangelho e a Cultura: Série Lausanne**. São Paulo, 1983.

BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada, Nova Versão Transformadora**.1ª ed. São Paulo: Mundo cristão, 2016.

BOLETIM Epidemiológico. Disponível em <https://www.gov.br/saude/pt-br/media/pdf/2021/setembro/20/boletim_epidemiologico_svs_33_final.pdf>. Acesso em 29 nov. 2021.

CARSON, D.A. **Cristo e Cultura: Uma releitura**. São Paulo: Vida Nova, 2012.

GOHEEN, Michael W. **A Igreja missional na Bíblia: Luz para as Nações**. São Paulo: Vida Nova, 2014.

GOHEEN, Michael W. e BARTHOLOMEW, Craig G. **Introdução à cosmovisão cristã: Vivendo na intersecção bíblica e a contemporânea**. São Paulo: Vida Nova, 2016.

HIEBERT, Paul G. **Transformando Cosmovisões: Uma análise antropológica de como as pessoas mudam**. São Paulo: Vida Nova, 2016.

KELLER, Timothy. **Deus na Era Secular: Como céticos podem encontrar sentido no cristianismo**. São Paulo: Vida Nova, 2018.

KELLER, Timothy. **Igreja Centrada: Desenvolvendo em sua cidade um ministério equilibrado e centrado no evangelho**. São Paulo: Vida Nova, 2014.

PEARCEY, Nancey. **Verdade Absoluta: Libertando o cristianismo de seu cativo cultural**. Rio de Janeiro: Casa Publicadoras das Assembleias de Deus, 2006. E-book

SUICÍDIO. Disponível em <<https://www.paho.org/pt/topicos/suicidio>>. Acesso em 02 dez. 2021.

SCHMAELTER, Matheus Maia. **Dualismo**. Disponível em <<https://www.infoescola.com/filosofia/dualismo/>>. Acesso em 16 nov. 2021.

VOLF, Miroslav. **Uma fé pública: Como o cristão pode contribuir para o bem comum**. São Paulo: Mundo Cristão, 2018.

WRIGHT, Christopher J.H. **A missão do povo de Deus: Uma teologia bíblica da missão da igreja**. São Paulo: Vida Nova: Instituto Betel Brasileiro, 2012.

WRIGHT, Christopher J.H. **A Missão de Deus: Desvendando a grande narrativa da Bíblia**. São Paulo: Vida Nova, 2014.

Texto recebido em 31.05.2022 e aprovado em 27.06.2022